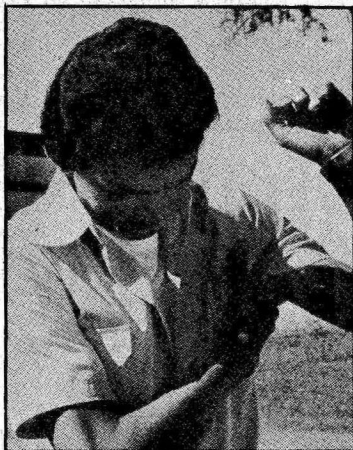


Arlindo Uchôa



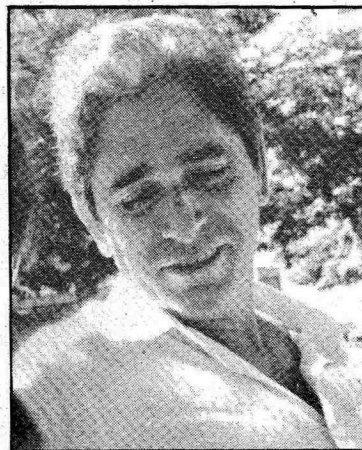
Marilena Oliveira



Francisco do Vale



Maria Macedo



Antônio da Silva

DF não aceita servir de curral eleitoral

Teremos a quem reclamar? Então, sou a favor.

Esta é, em síntese, a posição da população do Distrito Federal, diante da perspectiva de eleger oito deputados. Cansados de ver suas reivindicações sem respostas e descrentes da força das associações classistas, os moradores da capital deixam de lado as filigranas políticas, por um único apelo: **queremos votar!**

Numa primeira análise, tudo leva a crer que o DF está longe de vir a ser um curral eleitoral dócil. Ao contrário, os futuros eleitores prometem ser críticos o suficiente para não se deixarem comover por promessas apressadas de candidatos de primeira hora. Ou, como se expressou Marilena de Oliveira, secretária, 32 anos, "quem já esperou tanto, tem obrigação de escolher bem".

Há 7 anos em Brasília, moradora do Setor Leste do Gama, esta goiana de Uruana parte do princípio que "quem vê cara não vê coração". Em seu Estado, votou - "e não me decepcionei" - em Iris Rezende. Aqui, ela desconhece quem são os prováveis candidatos ou o nível de representação política atribuído à cidade. Mas, afirma, "quando estiver tudo acertado, ficarei bem informada".

Aos 44 anos de idade, o funcionário público Eloy Antônio da Silva, junta à defesa de representação política para o DF o agravante de nunca ter votado. Quando teve chance, estava no Exército, explicou. Residente na quadra 207, bloco A apartamento 204, do Cruzeiro, ele se vale de uma causa própria - a dos preços cobrados pela linha Cruzeiro/Rodovia

ria - para mostrar a conveniência de ter a quem reivindicar. "O circular Asas Norte e Sul custa Cr\$ 290,00, enquanto por um trajeto 10 quilômetros menor, somos obrigados a pagar Cr\$ 480,00". Este problema foi encampado pela Associação de Moradores do Cruzeiro sem êxito. "já que nem audiência com o Governador conseguimos".

Dispondo de votos e tendo em quem votar, ele acredita que a situação seria diferente. "já que os candidatos brigariam a nosso favor". Seu voto, independente de partido, vai para o presidente da OAB, Maurício Corrêa, a quem admira "a presteza como defensor dos mutuários, os atingidos pelas medidas de emergência e demais necessários".

"Totalmente a favor" é como a estudante Márcia Macedo, 18

anos, se posiciona pelo voto no DF. Brasiliense, residente no Sobradinho, ela desconhece detalhes da tramitação da emenda Figueiredo e do substitutivo do senador Aderbal Jurema. Sua opinião - assegurou - independe de questões políticas, "pois o que vale é dar ao povo o direito de se expressar".

"Se todos os Estados votam, por que só o DF vai ser diferente?" - a indagação sustenta a defesa de Arlindo José Uchoa, comerciário, 26 anos, sobre a representação política para a cidade. Há 15 anos na capital, morador na QNE 30 casa 45, em Taguatinga, Arlindo acha que "não podemos continuar reclamando ao bispo". Com esta metáfora, defende a conveniência de canais das reivindicações do povo, em busca de soluções para proble-

mas de todos os tipos, de saúde à falta de lazer. Se tivesse que votar hoje, seu candidato seria o presidente da Associação Comercial, Lindberg Aziz Cury, que lhe parece "conflável". Mas, "sendo pra valer", garante que procuraria conhecer as "opiniões" e os "planos" de cada um dos candidatos.

O mensageiro Francisco do Valle, 31 anos, residente na QNM 20 conjunto F casa 36, vê uma vantagem imediata na representação política: não ter que mandar buscar sua folha de votação em Teresina, como fez nos últimos dez anos, desde que se mudou para o DF. Nem a derrota de seu candidato a governador, Alberto Silva, nas últimas eleições, o desanima. "Final", argumenta, "a gente precisa ter a quem reclamar, que o mar não está pra peixe".